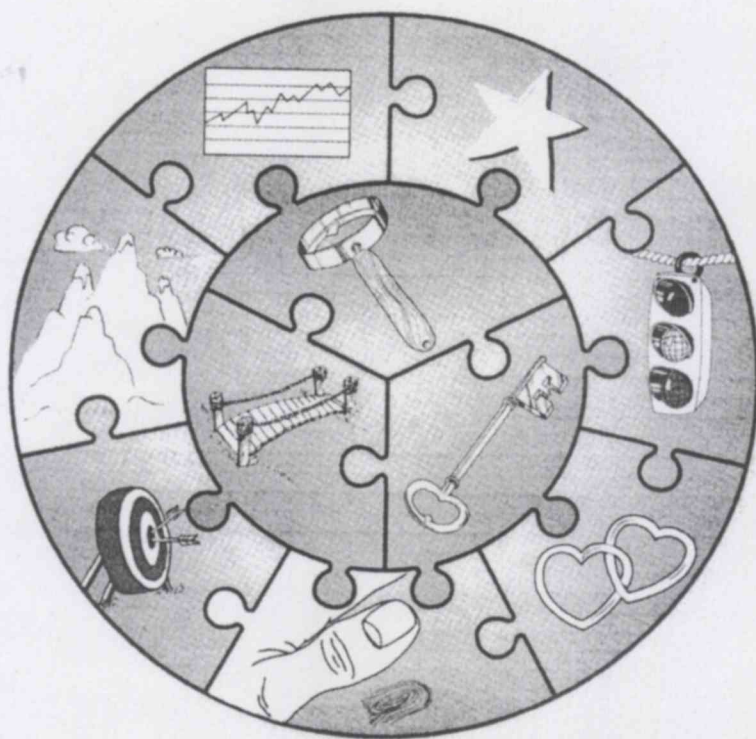


Seção I

Aprendizagem Mediada



Como ocorre a aprendizagem?

Por que algumas crianças desenvolvem habilidades de pensamento efetivas, enquanto outras não?

O que os pais e os professores fazem para ajudar as crianças a aprender a partir de suas experiências de vida?

Esta seção procura responder a essas questões discutindo a teoria e oferecendo exemplos práticos do que Feuerstein chama de Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM).

Introdução

O mediador enriquece a interação criança-ambiente com ingredientes que não pertencem à situação imediata e sim a um mundo de significados e intenções derivado de gerações, atitudes, valores e objetivos culturalmente transmitidos. – Reuven Feuerstein

Feuerstein acredita que existem duas modalidades de aprendizagem: uma abordagem direta e uma abordagem mediada.

Abordagem Direta

A abordagem direta é baseada na fórmula S-O-R* de Piaget, significando que o organismo (O), ou aprendiz, interage diretamente com o estímulo (S) do mundo à sua volta e dá a resposta (R).

Nesse tipo de interação com o ambiente, a aprendizagem é incidental. Considere o exemplo de uma criança que esteja andando pelo jardim. Ela interage diretamente com as flores e outros estímulos. Pode cheirá-las, sentir sua textura ou observar uma abelha que nelas pousa. Embora o tipo de aprendizagem que ocorre como resultado direto de tais experiências seja fundamental e necessário, ele é incidental e, de acordo com Feuerstein, não é suficiente para assegurar a ocorrência de uma aprendizagem efetiva.

Abordagem Mediada

A abordagem mediada é o segundo tipo de aprendizagem. Ela é vital para assegurar uma aprendizagem efetiva. Feuerstein desenvolve a fórmula S-O-R de Piaget e inclui um mediador humano entre o mundo de estímulos, o organismo e a resposta. Sua nova fórmula para aprendizagem mediada se torna então S-H-O-H-R, na qual H é o mediador humano. O mediador se interpõe entre o organismo que aprende e o mundo dos estímulos, interpretando e dando significado aos estímulos. Nesse tipo de interação, a aprendizagem é intencional.

Considere novamente o exemplo da criança no jardim. Se a mãe estivesse presente como mediador, focalizaria a atenção da criança num estímulo específico, dessa forma interpretando e dando significado ao encontro da criança com a flor. Nesse caso, poderia focar a atenção da criança em cores e texturas diferentes ou similares,

*Optamos por manter os universalmente conhecidos S-O-R (estímulo-organismo/resposta) por uma questão de familiaridade e facilidade de identificação (nota do tradutor).

assim lhe ensinando uma importante habilidade de pensamento, a comparação. Poderia também interpretar o trabalho de polinização da abelha, assim dando significado ao comportamento dela e mostrando as interconexões ou relações dos diversos estímulos. É esse tipo de interação, na qual o mediador intervém, que resulta na predisposição da criança para a aprendizagem que é pré-requisito para seu funcionamento cognitivo e adaptação adequada ao mundo.

Ambas as formas de exposição – direta e mediada – são necessárias para o pleno desenvolvimento. Feuerstein acredita que a aprendizagem mediada seja o fator-chave para que a criança fique mais receptiva à exposição direta, beneficiando-se mais dela. Isso ocorre porque a mediação é o tipo de interação que desenvolve as atitudes e competências básicas para a aprendizagem autodirigida.

Quando uma criança não interage efetivamente com o ambiente, ou experimenta dificuldades na aprendizagem, desenvolve-se o que Feuerstein chama de “dedo em riste”: o dedo indicador é apontado na direção da criança, mostrando que a falha ou o problema está rigidamente fixado nela. Na mediação, entretanto, a aprendizagem é uma interação da criança com um mediador. Assim o dedo aponta para ambas as direções.

Os Dez Critérios da Mediação

Até o momento, Feuerstein identificou dez critérios ou tipos de interação que são fundamentais para a mediação. Ele acredita que os três primeiros critérios são necessários e suficientes para uma interação ser considerada mediação. Os sete critérios restantes podem funcionar em diferentes momentos, onde e quando apropriados, servindo para equilibrar e reforçar uns aos outros. A mediação é um processo aberto e dinâmico e não deve ser rigidamente aplicada ou vista como fixa em dez critérios.

Os dez critérios da mediação e seus símbolos correspondentes são representados na página seguinte.

A relação entre a EAM e a modalidade de exposição direta em aprendizagem pode ser formulada da seguinte maneira: quanto mais a criança receber EAM e quanto mais eficaz for o processo de mediação, maior será sua capacidade de se beneficiar e se tornar modificável pela exposição direta ao estímulo.

– Feuerstein, 1980, 16.

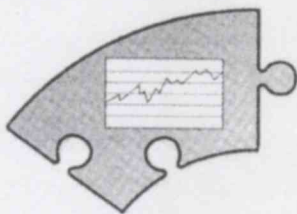
O Propósito da Aprendizagem Mediada

O propósito desta seção é colocar a teoria de Feuerstein em prática por meio da aplicação de seus critérios em várias situações, a saber, na sala de aula, em casa com os pais e em situações de aconselhamento/atividades comunitárias.

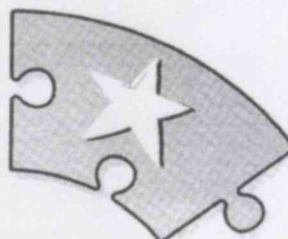
Entretanto, não devemos tomar seu conteúdo como um “livro de receitas”, mas como um modelo ou um processo que descreve como a interação pode resultar numa aprendizagem efetiva. Os critérios não são necessariamente novos, mas são concisos, práticos e podem ser aplicados em qualquer situação ou qualquer assunto. Têm aplicação prática e relevância para toda pessoa envolvida com a educação.

OS DEZ CRITÉRIOS DA MEDIAÇÃO

Automodificação



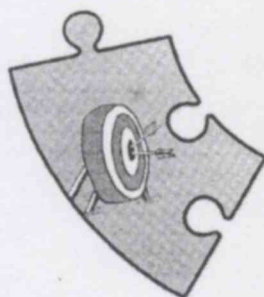
Competência



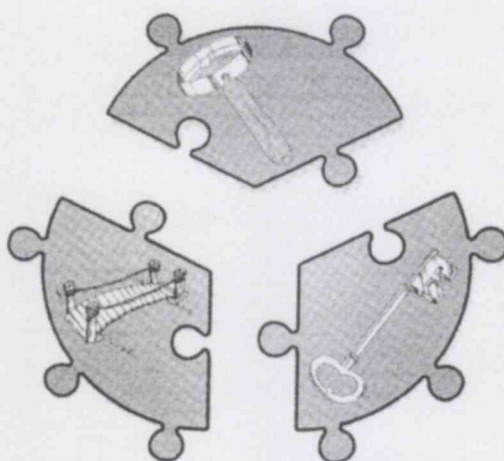
Desafio



Planejamento de objetivos



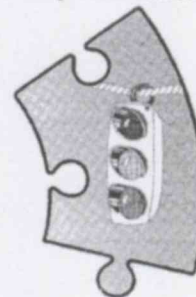
Intencionalidade e Reciprocidade



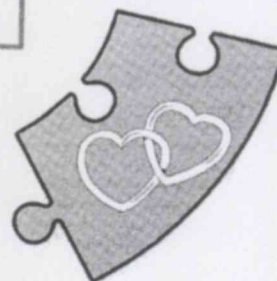
Transcendência

Significado

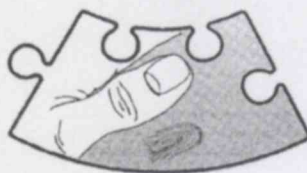
Autorregulação e Controle do Comportamento



Compartilhamento



Individuação



A abordagem EAM permite que a pessoa envolvida numa interação de aprendizagem desloque o foco colocado na criança como origem do problema da aprendizagem, voltando-o para si.

Deve ser observado que, embora os critérios e a teoria da EAM sejam baseados no trabalho de Feuerstein, a elaboração e os exemplos práticos aqui apresentados refletem nossa interpretação, consequentemente podendo se desviar de Feuerstein e de outras interpretações de sua teoria.

Num esforço de estender a compreensão da EAM, o estudo de caso “Um dia na vida de Alex”, a seguir, será usado para ilustrar os dez critérios. Diferentes seções da história em quadrinhos serão discutidas nas Páginas de Exercício do Estudo de Caso, encontradas no final de cada capítulo.

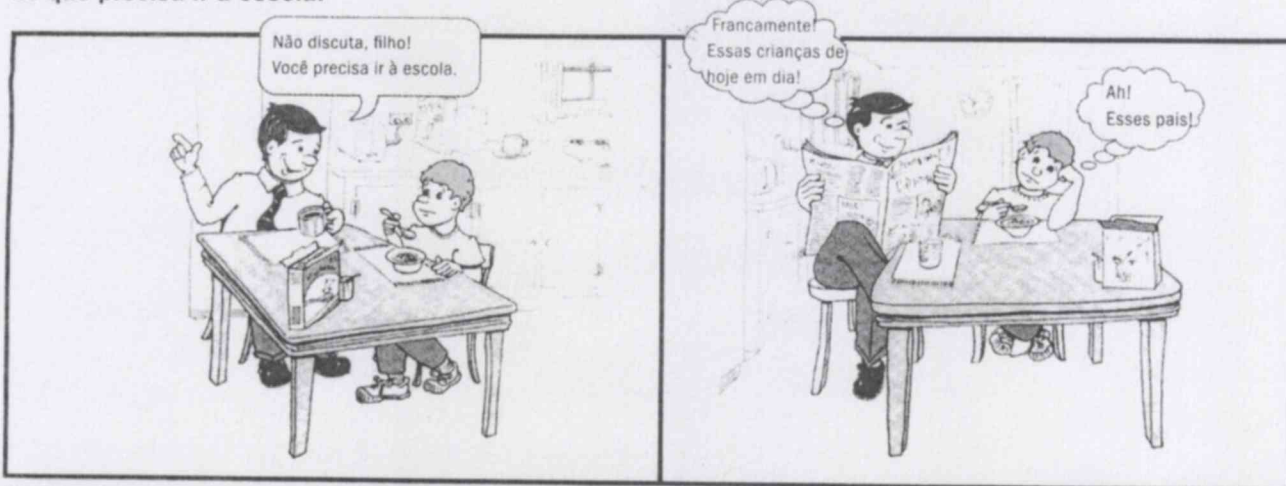
*Nenhuma
argumentação ou
palavra escrita nem
todos os livros nas
estantes conseguem
ensinar o que os
homens poderiam
ser, exceto o que os
professores são por si
mesmos.*

- Anônimo

UM DIA NA VIDA DE ALEX

Este estudo de caso é usado para ilustrar os critérios da EAM. Diferentes seções do estudo de caso são discutidas nas Páginas de Exercício de cada capítulo.

7h30 – Alex está deprimido! Mais uma vez seu desejo de se tornar uma estrela do rock foi cortado pelo fato de que precisa ir à escola.



8h15 – A música enche a cabeça de Alex na aula de matemática.



10h30 – Alex mostra aos seus amigos a música que compôs durante a aula de matemática.



11h00 – Alex volta à realidade quando obtém uma nota baixa na prova de história.



12h10 – Alex leva seus problemas para o orientador da escola.



18h00 – De volta para casa, Alex está refletindo sobre seu dia.

